

## AS MENIRE PARTICIPAM? REFLEXÕES INICIAIS SOBRE UM PROJETO DE MITIGAÇÃO DIRECIONADO ÀS MULHERES XIKRIN

Joaquim Pereira de Almeida Neto  
joaquim.almeidaneto@yahoo.com.br  
FAPESP  
UFSCar  
Graduando

Neste trabalho, apresenta-se algumas das reflexões iniciais a respeito da elaboração e início da implementação de um projeto de mitigação relacionado à construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte e especificamente direcionado às mulheres indígenas da Terra Indígena Trincheira-Bacajá. O foco principal é a análise do conceito de *participação*, conceito proveniente tanto da indústria do desenvolvimento, quanto da antropologia do desenvolvimento, na forma como é mobilizado na formulação desse projeto de mitigação. Pretende-se, além disso, refletir sobre algumas das consequências, e também limitações, no que se refere à tentativa de colocar tal conceito em uma aplicação prática.

**Palavras-chave:** antropologia do desenvolvimento; participação; etnografia; mulheres Xikrin

\*\*\*

As reflexões aqui apresentadas são fruto do início da realização de uma pesquisa de iniciação científica atualmente em curso que se intitula "As *Menire* e o conceito de participação: etnografia de um projeto com as mulheres Xikrin da Terra Indígena Trincheira Bacajá"<sup>18</sup>. Nesta pesquisa o objetivo central é discutir criticamente a mobilização e a aplicação dos conceitos de *participação* e de *desenvolvimento participativo* a partir do acompanhamento da elaboração e da implementação de um projeto de mitigação, aqui tratado como Projeto das *Menire*<sup>19</sup>, relacionado à construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte e direcionado especificamente às mulheres Xikrin da Terra Indígena Trincheira Bacajá (Pará). A maior parte dos dados aqui trabalhados advém da análise de dois dos documentos já produzidos pela equipe de implementação do Projeto das *Menire*, o projeto propriamente dito,

---

<sup>18</sup>Projeto financiado pela FAPESP (processo: 2014/12748-2) e iniciado em setembro de 2014.

<sup>19</sup> Projeto das *Menire* é a forma como trata o projeto aprovado no edital do CGDEX (Comitê Gestor do PDRS Xingu) de 2013 que é intitulado "Fortalecimento da organização social e política das Menire - Mulheres Xikrin da TI Trincheira Bacajá". Proposto pela FUNAI - CR Centro-Leste do Pará em uma parceria com a Universidade Federal de São Carlos, esse projeto se enquadra na Câmara Técnica Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais e tem como diretriz estratégica "apoiar a capacitação de conselhos e outras formas de organização das populações tradicionais e a formação de lideranças" (CGDEX, 2013, p.04). O público beneficiário são os indígenas da etnia Xikrin, particularmente as mulheres Xikrin, das oito aldeias da TI Trincheira Bacajá, uma das dez Terras Indígenas afetadas pela construção da UHE Belo Monte e que estão atualmente sendo alvo de medidas mitigatórias em decorrência dos impactos provocados por tal obra.

que foi produzido em 2013, e um cronograma produzido em julho de 2014 no qual o projeto foi reordenado. Como o trabalho de campo propriamente dito ainda não foi realizado, muitas das discussões não são devidamente desenvolvidas. Dessa forma, o que se apresenta de forma alguma constitui um trabalho finalizado, que porta em si uma coerência interna. Pelo contrário, ele nem sequer possui uma linha argumentativa verificável ou mesmo uma sequência lógica e o que se apresenta, de fato, são dúvidas e questionamentos a respeito de algumas questões pontuais que apareceram no início dessa pesquisa. O objetivo aqui é, portanto, discutir e tentar selecionar algumas das questões mais relevantes, e interessantes, para a elaboração futura de uma etnografia, bem como procurar estratégias para que ela possa ser construída.

Apresenta-se, primeiramente uma breve introdução a respeito do conceito de *participação* e de sua paulatina incorporação aos projetos de desenvolvimento, incorporação que, conforme se verificou, ocorreu mais em um nível discursivo do que prático. Em uma segunda parte, parte mais descritiva, apresenta-se o projeto de mitigação, o Projeto das *Menire*, da forma como foi concebido inicialmente; isso é feito com o objetivo de se demonstrar os efeitos da adoção e da tentativa de incorporação do conceito de participação dentro de um projeto de desenvolvimento propriamente dito, bem como alguns dos desdobramentos que isso provoca. Posteriormente, tem-se uma parte destinada ao início da problematização da efetiva participação das mulheres Xikrin dentro desse projeto de mitigação. Por fim, apresenta-se, mesmo que de forma ainda pouco desenvolvida, alguns questionamentos referentes às consequências do uso do conceito de *participação*.

## **INCORPORAÇÃO DO CONCEITO DE PARTICIPAÇÃO NOS PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO**

De acordo com Ghazala Mansuri e Vijayendra Rao (2012), o atual interesse pela ideia de *participação* iniciou-se como uma reação crítica às estratégias de desenvolvimento altamente centralizadas do tipo "top-down" típicas das décadas de 1970 e 1980. A partir dessas críticas, passou-se a haver um maior interesse na aproximação entre a ajuda de desenvolvimento e as populações beneficiárias e, principalmente a partir da última década, o

conceito de *participação* "adquiriu uma vida própria e é agora proposto como um meio para alcançar uma variedade de objetivos - melhor direcionamento da pobreza, a melhor prestação de serviços públicos, [...] maiores vocalização e coesão social e aumento da responsabilização do governo" (MANSURI; RAO, 2012, p.2, tradução minha). Em suma, é a partir desse momento que a *participação* se transforma em um conceito amplamente mobilizado por organismos multilaterais, governos e ONGs

A ideia de *planejamento participativo* parte da premissa de que, em projetos de desenvolvimento, existe uma grande diversidade de atores envolvidos e, por isso, as pessoas afetadas por tais intervenções devem ser incluídas no processo de tomada de decisão. *Participação*, portanto, é "um processo através do qual as partes interessadas influenciam e compartilham o controle sobre as iniciativas de desenvolvimento e sobre as decisões e recursos que os afetam" (THE WORLD BANK, 1996, p. xi, tradução minha). A inclusão das pessoas afetadas, que passou a ser mobilizada em grandes projetos de organismos multilaterais, é, de acordo com o Banco Mundial, não apenas uma forma de tornar os projetos de desenvolvimento mais eficazes e sustentáveis, mas também um caminho para contribuir com a efetividade desses projetos na medida em que pode promover um sentimento de crença em relação à relevância desses projetos entre aqueles que são diretamente afetados por eles. A ideia de *participação*, portanto, na medida em que procura levar em consideração aspectos até então negligenciados (como as dinâmicas locais e os conhecimentos tradicionais, por exemplo), cuja observação é necessária para a efetividade e para uma maior qualidade das intervenções, pode ser vista como um dos conceitos mais difundidos e incorporados nas medidas de desenvolvimento.

Tal importância dada ao conceito de *participação*, bem como a rápida difusão das práticas e técnicas participativas<sup>20</sup>, fizeram dele "um elemento fundamental na maioria dos atuais discursos, técnicas e metodologias de desenvolvimento" (SALVIANI, 2002, p. 02) ao ponto de, como sugere Maia Green (2000; 2009), o paradigma participatório poder ser tratado

---

<sup>20</sup>As práticas e técnicas participativas estão relacionadas à aplicabilidade dos conhecimentos antropológicos em situações de mudança social induzida (antropologia aplicada ou antropologia prática). Duas das metodologias participativas mais difundidas são: a "Social Engineering" de Michael Cernea (1983, 1991) e o "Participatory Rural Appraisal - PRA" de Robert Chambers (1994, 1997).

atualmente como uma "nova ortodoxia" do desenvolvimento. A *participação*, portanto, aparece em praticamente todo programa de desenvolvimento como um "meio para reduzir o fosso entre situações locais e intervenções externas" (LAVIGNE DELVILLE, 2012, p. 34, tradução minha) e assim aumentar a eficiência dos planos de desenvolvimento. Aparece, em suma, como uma forma de intermediar a relação entre "desenvolvedores" (*développeurs*) e "desenvolvidos" (*développés*) (Ibidem).

Porém, é importante perceber que essa grande incorporação do conceito de participação se deu mais em nível formal do que prático, ou seja, quando se fala da implementação de projetos participativos, a situação é bem diferente: a participação acaba sendo reduzida a um mecanismo discursivo formal que não tem aplicação prática<sup>21</sup>. Como aponta Andrea Cornwall (2005), por mais que se fale da participação dentro das políticas de desenvolvimento, muito pouco é feito em nome de sua efetivação.

### **O PROJETO DAS MENIRE: EXEMPLO DE PROJETO PARTICIPATIVO?**

O Projeto das *Menire* parte de uma demanda das próprias mulheres Xikrin<sup>22</sup> que, em meio à aplicação de medidas mitigatórias relacionadas à construção de Belo Monte, trouxeram novamente à discussão uma antiga ideia de desenvolverem, elas mesmas, projetos que pudessem propiciar a geração de renda por meio da gestão de recursos naturais. As mulheres Xikrin, então, passaram a conversar entre elas a respeito da possibilidade de se organizarem segundo modelos tradicionais que valorizassem seus próprios conhecimentos e práticas. Foi a partir dessa movimentação que antropólogas ligadas à UFSCar<sup>23</sup> começaram a pensar um projeto que pudesse auxiliar, e principalmente dialogar com, essas mulheres a

---

<sup>21</sup>Conforme já argumentava Jean-Pierre Chauveau, o discurso da participação consiste em uma prática que é indissociável das ditas práticas "reais" (CHAUVEAU, 1994).

<sup>22</sup> Conforme argumenta Valéria Paye Pereira, representante do povo Kaxuyanae Tiriyo do Parque do Tumucumaque, "principalmente em relação à Amazônia brasileira, as mulheres indígenas elas próprias têm sentido a necessidade de poder participar mais dentro das discussões da implementação dos projetos em suas TIs" (SOUSA, 2010, p. 227).

<sup>23</sup>Antropólogas vinculadas ao "Observatório da Educação Escolar Indígena" do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFSCar que estavam fazendo trabalho de campo em Altamira naquela época.

respeito de suas demandas e que pudesse, também, contar, para a sua execução, com recursos distribuídos pelo PDRS Xingu<sup>24</sup>.

Os principais objetivos do Projeto das *Menire* são elaborados a partir de uma dupla articulação. De um lado há o esforço antropológico de levar as populações tradicionais a sério, procurando promover o diálogo e a valorização do saber nativo ao invés de apenas aplicar modelos prontos de associativismo típicos da sociedade ocidental a povos que se organizam de uma forma distinta desta. De outro, procura se adequar a um modelo de projeto de mitigação que exige a apresentação de resultados rápidos e positivos para aqueles que são beneficiados pelas medidas mitigatórias, processo que envolve a mobilização de saberes técnico-burocráticos que, em muitos casos, acabam por obliterar as demandas dessas populações<sup>25</sup>. Entre esses objetivos, destacam-se os seguintes: o fortalecimento e a capacitação das mulheres por meio do apoio as suas próprias formas de organização social e política; o fomento do artesanato com respeito à identidade Mebengokre e o incentivo às atividades produtivas tradicionais que abrangem as roças familiares como práticas ambientalmente sustentáveis e o empoderamento das *Menire* por meio da promoção de sua autonomia.

Desses objetivos, são elaboradas as metas que compõe o projeto. As metas, que seguem a mesma dupla articulação presente nos objetivos do projeto, envolvem o "apoio à criação de uma associação de mulheres Xikrin, caso estas optem por essa forma de associativismo"<sup>26</sup>; "incentivar a transmissão dos conhecimentos entre as mulheres Xikrin das

---

<sup>24</sup> Parte do esforço desenvolvimentista do Governo brasileiro para a Região Norte, o PDRS Xingu tem como objetivo geral promover o desenvolvimento sustentável com enfoque na melhoria da qualidade de vida dos diversos setores sociais e na preservação do equilíbrio ambiental. De acordo com o próprio documento PDRS Xingu: (...) "com a implantação de grandes projetos de infra-estrutura na região, tornou-se prioridade absoluta a elaboração de um planejamento para a região visando a maximização dos benefícios gerados pelos empreendimentos e a mitigação de possíveis impactos negativos, especialmente os de natureza social e ambiental" (BRASIL, (s.n.t.), p. 04).

<sup>25</sup> Argumento desenvolvido em projeto de pesquisa, atualmente em curso, intitulado "Seguindo a trilha de papéis das Usinas Hidrelétricas: tecnologias de cálculo e a lógica do mercado financeiro no Programa de Aceleração do Crescimento" apresentado à chamada MACTI/CNPq/MEC/CAPES No. 43/2013 e sob a coordenação da Profa. Dra. Anna Catarina Morawska Vianna.

<sup>26</sup> É interessante perceber que, como aponta Kelly Oliveira (2013, p. 21), o gênero tem sido um dos critérios de participação nas organizações indígenas. Exemplos disso são: a Associação das Mulheres Indígenas de Taracuá, Rios Uaupés e Tiquié (Amitrut), a Associação das Mulheres Indígenas do Distrito de Iuauretê (Amidi) e a Associação das Mulheres Indígenas Sateré-Mawé (Amism).

diversas aldeias da TI Trincheira Bacajá [...], respeitando o modo tradicional de transmissão dos conhecimentos" e a "revitalização das roças e dos quintais tradicionais cultivados pelas mulheres, valorizando as práticas próprias dos Xikrin" (FUNAI, 2013, p.02). Todas essas medidas podem ser feitas com base em um modelo de desenvolvimento sustentável; podem, quando implementadas, contribuir para a melhoria da qualidade de vida do povo Xikrin; podem também, na lógica desenvolvimentista, funcionar como práticas mitigatórias e, por isso, podem constituir (e de fato, constituem) as metas de um projeto aprovado pelo Comitê Gestor do PDRS Xingu. Entretanto, todas essas metas apresentam além de seus conteúdos objetivos, ressalvas feitas, todas elas, com uma mesma intenção: tentar garantir a *participação* daqueles que serão beneficiários do projeto, bem como o uso de seus próprios conhecimentos, não só na execução, mas também na elaboração das estratégias do projeto.

O "caso estas optem por essa forma de associativismo", o "respeitando o modo tradicional de transmissão dos conhecimentos", e o "valorizando as práticas próprias dos Xikrin" são ressalvas que representam um esforço por parte dos proponentes do projeto em levar em consideração a singularidade da população Xikrin e em recusar os modelos "prontos" que têm em vista apenas a execução de projeto de mitigação enquanto uma simples obrigação legal. Essas ressalvas são também o que traz para esse projeto a questão da *participação* e, até mesmo, o protagonismo daquelas às quais o projeto se destina, a aproximação entre aqueles que propõem o projeto e aquelas que serão beneficiadas e a valorização dos saberes locais, ou seja, a ideia, já presente nas diretrizes do PDRS Xingu, de *desenvolvimento participativo*.

A recusa à aplicação de modelos participativos prontos está de acordo com a colocação de que:

estruturas e métodos participativos não podem ser 'blueprinted' para todos os programas, porque eles variam de acordo com a natureza da tarefa em mãos e de acordo com as características dos grupos sociais[...]. Portanto, a geração de tais metodologias deve tornar-se uma parte integrante da organização do próprio processo participativo (CERNEA, 1992, p. 04, tradução minha).

É justamente esse ponto, ou seja, a construção simultânea da metodologia e do projeto por meio da participação das mulheres Xikrin, que constitui a base da qual saem os objetivos e

metas do Projeto das *Menire*. Isso faz com que, para a execução do projeto, seja necessária uma metodologia bem diferente da que geralmente compõe projetos desse tipo. Diferentemente da exigência de apenas uma equipe técnica, a implementação do Projeto das *Menire* depende não só da contratação de uma equipe de consultoria "que deverá possuir nível superior completo e experiência com povos indígenas, especialmente na formação de lideranças e/ou trabalho com mulheres indígenas" (FUNAI, 2013, p.03) e da participação de dois servidores do CR Centro-Leste do Pará, mas também da intensa participação daqueles que serão beneficiados por meio da formação de um grupo de colaboradoras indígenas responsáveis pela articulação e multiplicação do projeto "composto por dez mulheres Xikrin indicadas pelos próprios indígenas" (FUNAI, 2013, p. 03).

Além de demandar uma grande equipe para a sua implementação, fato que por si só já dificulta sua tramitação, o projeto ainda prevê, para fomentar a articulação política das mulheres Xikrin e a transmissão dos conhecimentos, o contato delas com outras organizações e associações indígenas e com outras lideranças indígenas mulheres. Para isso, são previstos, além da promoção de encontros, ao menos dois intercâmbios entre as próprias *Menire*. Outra característica peculiar do projeto é o fato de que nele, embora sejam previstos resultados práticos para a comunidade (como, por exemplo, a revigoração das roças tradicionais, o fomento ao artesanato e à apicultura), o objetivo final não constitui um resultado final palpável e objetivo, pelo menos quando se considera os padrões de referência aplicados pelo PDRS. Afinal, a maior meta a ser alcançada não é diretamente a criação e implementação de uma associação para as mulheres Xikrin, mas sim a discussão, com as próprias *Menire*, acerca desse modelo de organização e de sua viabilidade de aplicação quando se leva em consideração a especificidade dos modos tradicionais de organização dos Xikrin.

A forma como foi construído e apresentado faz com que o Projeto das *Menire* possa ser tratado como um projeto tipicamente participativo e, ainda que inicialmente, como um projeto que colocará a participação realmente em prática. Porém esse projeto, na fala de seus proponentes, tem uma ambição ainda maior: a de ser um "projeto não para as *Menire*, mas um projeto das *menire*". Essa ambição, que em muitos sentidos parece um verdadeiro paradoxo,

afinal, mesmo se dizendo delas o projeto continua sendo gerido é controlado por técnicos não indígenas, é o que guia todo o esforço feito para a elaboração desse projeto.

### **APRENDENDO A FAZER PROJETO: AS *MENIRE* PARTICIPANDO NO PROJETO DAS *MENIRE*?**

Os trâmites para a execução do Projeto das *Menire* ocorrem desde a sua aprovação em 2013. Nesse período muito se conversou com as mulheres Xickin para que suas necessidades e demandas fossem incorporadas ao projeto. Entretanto, foi apenas em julho de 2014 que o projeto foi oficialmente apresentado às mulheres Xickin. Essa apresentação ocorreu em uma das aldeias da Terra Indígena Trincheira-Bacajá e contou com a participação de mulheres de todas as outras aldeias Xickin da terra indígena. Nesse encontro, foi reforçada a vontade dos Xickin em participar efetivamente de projetos que sejam deles e também, ainda que com insegurança é preocupação por parte das *Menire*, o desejo de algumas das mulheres indígenas de possuírem projetos voltados diretamente para elas, projetos que, conforme a fala de uma das *Menire* "valorizem o que as mulheres sabem fazer".

Ainda durante esse encontro, houve, por parte das *Menire*, uma sugestão para que o projeto fosse renomeado. O que era chamado de "Fortalecimento da organização social e política das *Menire* - Mulheres Xikrin da TI Trincheira Bacajá" e representava a visão dos proponentes a respeito do que era relevante para as mulheres Xickin, com a sugestão das *Menire*, passou a ser chamado de "Projeto *Menire*: *Prynë Moxja Mari Mexj*: aprender a fazer projeto", algo que parece sinaliza um dos anseios mais recentes do povo Xikrin. Nesse ponto uma questão acaba sendo colocada: será que a renomeação do projeto pode ser visto como um início da efetiva *participação* das mulheres Xikrin nesse projeto que, embora tenha sido concebido como um projeto delas mesmas, até o presente momento tinha tramitado em esfera nas quais elas não estavam diretamente inseridas? Aparentemente a resposta seria sim, afinal deve-se leva em consideração que a mudança do nome pode implicar em alterações nos objetivo é no esquema de execução do projeto<sup>27</sup>. E de fato parece que é isso mesmo que irá

---

<sup>27</sup>Mudanças no projeto não parecem ser um problema. Ao contrário, elas são uma consequência da opção de se tentar dar às *Menire* o controle do projeto após já ter sido aprovado pelo CGDEX.

ocorrer. Na versão do projeto apresentada ao CGDEX, o maior foco estava no associativismo, mais especificamente na discussão em torno da possibilidade da criação de uma associação para as mulheres Xikrin. Porém, já nas conversas informais com as *Menire*, conversas que vem ocorrendo desde 2013, e agora mais especificamente nas conversas com elas durante esse encontro, o que mais sobressaiu foi o desejo delas de participarem de intercâmbios junto a outros povos indígenas com a finalidade de aprenderem mais a respeito da execução de projetos feitos por eles mesmos. Essa demanda foi incorporada pelos proponentes oficiais do projeto e agora, já aparece em maior destaque no último cronograma de atividades por eles apresentado. Ou seja, o foco do projeto parece ter se deslocado um pouco e agora parece estar mais em consonância com os anseios das *Menire*.

Entretanto, como a distância entre o que é apresentado nos projetos e cronogramas e aquilo que de fato é realizado não é algo desprezível, a resposta à questão acima colocada não pode ser totalmente otimista. A efetiva *participação* das *Menire* não é algo simples de ser alcançado; não se pode deixar de levar em consideração que se está trabalhando entre lógicas distintas, que de um lado se tem o PDRS Xingu, com sua lógica desenvolvimentista e seu verdadeiro mercado de projeto e, do outro, uma população indígena que, mesmo com todas as suas especificidades organizacionais, no contexto em que se encontra se vê diante de uma questão básica: a necessidade, que aparece agora, de aprender a lidar com as questões ligadas ao discurso do desenvolvimento<sup>28</sup> e inclusive a aprender fazer projetos.

Aprender a fazer projetos, que aparece na fala de muitos Xikrin, não apenas na das *Menire*, significa, para eles, significa não apenas propor projetos, mas também executá-los, fazendo eles mesmos a gestão de recursos e de pessoal. Esse desejo de autonomia em relação aos não indígenas reflete não só a desconfiança dos Xikrin em relação ao que é dito é feito pelos *Kuben* (pessoas não indígenas), afinal, estes frequentemente, segundo a palavra de uma

---

<sup>28</sup>Essas questões são aquilo que se relaciona não apenas com as grandes obras do PAC que estão sendo feitas na região e todas as ações que elas desdobram: reuniões com os representantes pelas obras, estudos de impacto ambiental, implementação de medidas mitigatórias, acerto de indenizações, mas também com aquilo que se relaciona com muitas das categorias da indústria do desenvolvimento que permeiam essas ações (e também os recorrentes Planos de Desenvolvimento promovidos pelo governo e por ONGs) como, por exemplo, a ideia de capacitação, os conceitos de planejamento, organização e otimização, a noção de fortalecimento da organização social, etc.

*Menire*, "mudam de palavra e não fazem aquilo que tinham combinado", mas também a vontade de terem eles mesmos "projetos fortes e *verdadeiros*" (fala de uma *Menire*, grifo meu). E aqui, se chega a um ponto que poderia ser pensado tanto como a máxima participação quanto como uma espécie de esgotamento da própria ideia de *participação*: se os projetos são propostos e executados pelos próprios Xikrin, em suma, se os projetos são realmente deles, passa-se a ter duas opções: ou eles estão realmente inseridos no mercado de projeto do desenvolvimento é por isso participam efetivamente ou, pelo contrário, sendo autônomos, fazendo eles mesmos os projetos, deixa de fazer sentido falar em participação dos Xikrin. (Afinal essa categoria, da forma como é usada pela indústria do desenvolvimento, só parece fazer sentido em casos de intermediação entre aqueles que propiciam o desenvolvimento é aqueles que são levados a se desenvolver).

### **PROBLEMATIZAÇÕES FINAIS DA IDEIA DE PARTICIPAÇÃO**

Não se pode deixar de levar em consideração que o Projeto das *Menire* opera entre duas lógicas: de um lado o que se pode chamar de mundo Xikrin com todas as suas particularidades e, do outro, o que é tido como indústria do desenvolvimento típica da "sociedade ocidental". E aqui cabe apontar que, conforme argumenta Sahlins (2004), "os povos indígenas lutam por integrar sua experiência do sistema mundial em algo que é mais lógico e ontologicamente inclusivo: seu próprio sistema de mundo" (SAHLINS, 2004, pp. 245-246) e que nesse sentido, a apropriação cultural que essas pessoas fazem de condições externas, não criadas por elas, mas das quais elas dificilmente conseguem escapar (os projetos de mitigação relacionados à UHE Belo Monte, por exemplo), pode dar origem a verdadeiras reinterpretações dessas condições e das ideias a elas relacionadas (nesse caso, a noção de participação). Por essa abordagem, além de se reconhecer que as pessoas envolvidas, seja em projetos ou em intervenções, continuam a ser atores de sua própria história e que eles podem, por isso, moldar as circunstâncias que lhes são apresentadas e interferir no rumo das decisões e acontecimentos, abre-se possibilidades para análises críticas a respeito do próprio conceito de *participação* e inclusive a possibilidade de que os Xikrin, quando usarem esse conceito ou

qualquer outro mobilizado pelo projeto, estejam fazendo uso de algo que é completamente estranho ao que o mundo do desenvolvimento entende como *participação*.

Outro ponto relevante é o fato de que a incorporação da *participação*, mas também de conceitos como empoderamento e fortalecimento social, acaba trazendo consigo todo um projeto normativo associado ao desenvolvimento que é típico do que se convencionalizou chamar de "sociedade ocidental". Nesse sentido, por mais que o Projeto das *Menire* tente, mesmo por meio do desenvolvimento de metodologias próprias, ele não consegue se livrar desse caráter normativo associado ao desenvolvimento. As ideias de aprimoramento, capacitação e fortalecimento tão presentes nele são, sem dúvida, exemplo disso. Porém, ao mesmo tempo, os próprios Xikrin clamam para si o direito de se desenvolverem também. Isso fica evidente não só pela fala de muitos deles, mas também pelo empenho de algumas das *Menire* na proposição e execução do projeto. Aqui a dúvida é em qual lógica operar, a de que o desenvolvimento é uma característica exclusivamente "ocidental"? Ou na de que o desenvolvimento é também, ou está sendo, uma categoria dos próprios Xikrin? Ou ainda, em uma outra lógica que não é tão facilmente apreendida quanto as outras duas? E o esforço, no meio dessas questões, deve ser o de sempre ter o cuidado para não naturalizar nem exotizar e, muito menos, universalizar nenhuma dessas lógicas.

Além do mais, mesmo sendo um projeto que se esforça para se dizer "das mulheres Xikrin", o fato de ter sido elaborado por antropólogas e funcionários da FUNAI não pode deixar de ser levado em consideração. Até que ponto as *Menire* realmente têm o controle sobre esse projeto? Até que ponto esse projeto estaria ocorrendo sem a participação de todos esses técnicos? Todas essas são questões têm que ser intensamente problematizadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Plano de Desenvolvimento Regional Sustentável do Xingu: Região de Integração Xingu. (s.n.t.). Disponível em:

[http://www.mi.gov.br/c/document\\_library/get\\_file?uuid=9cbd2d8c-9e8c-4db0-a362-f7f4af1e9b96&groupId=24915](http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=9cbd2d8c-9e8c-4db0-a362-f7f4af1e9b96&groupId=24915). Acesso em: 10 de abril. 2014.

- CERNEA, Michael M. 1983. A Social Methodology for Community Participation in Local Investments: The Experience of Mexico's Pider Program. Washington, D.C., Working Paper n.598, The World Bank.
- CERNEA, Michael M. 1991. Using Knowledge from Social Science in Development Projects. Washington D.C., Discussion Papersin. 114, The World Bank.
- CERNEA, Michael M. 1992. The building blocks of participation: testing bottom-up planning. Washington, D. C.: The World Bank.
- CGDEX COMITÊGESTOR. Edital de Seleção Projetos 2013. Disponível em: <http://www.slideshare.net/webxingu/edital-projetos-2013-pdrs-xingu>. Acesso em 12 de abril. 2014.
- CHAMBERS, Robert. 1997. Whose Reality Counts? Putting the First Last. Londres: Intermediate Technology Publications.
- CHAMBERS, Robert. 1994. 'Participatory Rural Appraisal (PRA): Challenges, Potentials and Paradigm'. In *World Development*, Great Britain, v. 22, n. 10, pp. 1437 - 1454.
- CHAUVEAU, Jean-Pierre. 1994. Participation Paysanne et Populisme Bureaucratique: Essai d'histoire et de sociologie de la culture du développement. In: JACOB Jean-Pierre, LAVIGNE DELVILLE Philippe (Org.). Les associations paysannes en Afrique. Organisation et dynamiques. Paris - Genève: Karthala, IUED, APAD. pp. 25-59.
- CORNWALL, Andrea; BROCK, Karen. 2005. What do Buzzwords do for Development Policy? A critical look at 'participation', 'empowerment'and 'poverty reduction'. *Third World Quarterly*, Vol. 26, No. 7, pp. 1043 –1060.
- FUNAI - CR CENTRO-LESTE DO PARÁ. 2013. Fortalecimento da organização social e política das *Menire* - Mulheres Xikrin da TI Trinchreira Bacajá. Altamira.
- GREEN, Maia. 2009. "Doing development and writing culture: exploring knowledge practices in international orthodoxy and anthropology". *Anthropological Theory*, v. 9, 395-417.
- GREEN, Maia. 2000. 'Participatory Development and the Appropriation of Agency in Southern Tanzania'. *Critique of Anthropology*, v. 20(1).

- LAVIGNE DELVILLE, Ph. 2012. Vers une socio-anthropologie des interventions de développement comme action publique. Mémoire pour l'Habilitation à Diriger des Recherches. Version 1, CREA, Université Lyon II.
- MANSURI, Ghazala; RAO, Vijayendra. 2012. Can Participation Be Induced? Some Evidence from Developing Countries. Washington, D. C.: The World Bank.
- OLIVEIRA, Kelly Emanuely. 2013. Diga ao povo que avance! Movimento Indígena no Nordeste. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana.
- SAHLINS, Marshall. 2004. Cosmologias do capitalismo: o setor trans-pacífico do "sistema mundial". In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- SALVIANI, Roberto. 2002. *As Propostas para Participação dos Povos Indígenas no Brasil em Projetos de Desenvolvimento Geridos pelo Banco Mundial: um Ensaio de Análise Crítica*. 2002. 110p.. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SOUSA, C. N. I. . 2010. Perspectiva indígena sobre projetos, desenvolvimento e povos indígenas. Entrevista com Valéria Paye Pereira Kaxuyana e Euclides Pereira Macuxi. In: SOUSA, Cássio Noronha Inglês de; ALMEIDA, Fábio Vaz Ribeiro de; LIMA, Antonio Carlos de Souza & MATOS, Maria Helena Ortolan (orgs). *Povos indígenas: projetos e desenvolvimento II*. Brasília: Paralelo 15, Rio de Janeiro: Laced.
- THE WORLD BANK. 1996. World Bank participation sourcebook. Washington, D. C.: The World Bank.